

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O DOCLISBOA: A QUESTÃO COLONIAL
6 de Outubro de 2022

AFRIQUE SUR SEINE / 1955

um filme de Paulin Vieyra, Mamadou Sarr

Realização: Paulin Vieyra, Mamadou Sarr / Argumento: Mamadou Sarr / Fotografia: Robert Caristan / Montagem: Paulin Vieyra / Comentário: Paulin Vieyra, Mamadou Sarr / Música: G. Chouchon e “elementos musicais da musicologia do Musée de L’Homme” / Com:

Produção: Groupe African du Cinéma, com o apoio do Comité du Film Ethnographique du Musée de L’Homme (França) / Direcção de Produção: Philippe Letourneur / Cópia: em DCP (original em 16 mm), preto e branco, versão original em francês, legendada em inglês e electronicamente em português / Duração: 22 minutos / Primeira exibição na Cinemateca: 4 e 8 de Abril de 2019, “Povos em Movimento – Migração, Exílio e Diáspora”,

LA NOIRE DE... / 1966

um filme de Ousmane Sembène

Realização e Argumento (segundo um conto de Ousmane Sembène publicado na colectânea "Voltaire"): Ousmane Sembène / Fotografia: Christian Lacoste / Montagem: André Gaudier / Som: Charles Dixon, Yassala B. Sessouma / Assistência de Realização: Ibrahima Barro, Pathé Diop / Intérpretes: Thérèse MBissine Diop (Diouana), Momar Nar Sene (o jovem), Anne-Marie Jelinck (Madame), Robert Fontaine (Monsieur), Ibrahima (rapaz com máscara), Bernard Delbard, Nicole Donati, Raymond Lemery, Suzanne Lemery (convidados), Philippe, Sophie, Damien (as crianças) / Vozes de: Toto Bissainthe, Robert Marcy, Sophie Leclerc.

Produção: Filmi Domirev (Senegal), Les Actualités Françaises (França) / Participação: Ministère Coopération (França) / Cópia: em DCP (original em 35mm), preto e branco, versão original legendada em inglês e electronicamente em português / Duração: 59 minutos / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca: 17 de Novembro de 1995, “Cinemas de África”.

Duração total da projecção: 81 minutos

“Onde estão os caminhos de ouro da nossa infância?”
do texto em *off* de **Afrique sur Seine**

Produção datada de 1955 e patrocinada pelo francês Comité du film ethnographique du Musée de l'Homme, **Afrique sur Seine** é a primeira curta-metragem assinada por realizadores de origem africana, frequentemente conotada com a origem do cinema africano. Impedidos de realizar filmagens no Senegal, numa altura em que o país ainda não conquistara a sua independência, os seus autores optaram por se centrar na vida dos estudantes africanos em Paris, em detrimento de uma rodagem não autorizada na ainda colónia francesa em território africano.

Pioneiro no campo do cinema africano, Paulin Vieyra (1923-87) foi, a par de Ousmane Sembène, um dos mais importantes nomes do cinema senegalês, antecipando-se numa década ao trabalho deste no seu retrato da diáspora e da presença africana em França. Formado pelo IDHEC, em Paris, Vieyra retrata em **Afrique sur Seine** artistas e estudantes africanos que, como ele e Sarr, se instalaram em Paris, interrogando a partir daí a sua cultura e o seu futuro. Este foi o primeiro filme significativo a ter sido realizado por um africano das antigas colónias francesas e é interessante percebermos como por detrás da sua produção estão instituições francesas, numa altura em que o cinema produzido em África ou sobre África estava na mira das autoridades francesas (dois anos antes, **Les Statues Meurent Aussi** (1953), de Chris Marker e Alain Resnais, havia sido censurado) tendo em contas as lutas pela independência. E como havia percebido Vieyra, “o cinema tinha enormes responsabilidades no nosso país”.

O “tempo da infância passada nos bordos do Níger” e a chegada a Paris, “cidade em que a névoa substituiu o sol”, são frases que estabelecem bem a atmosfera nostálgica que marca este ensaio filmado, em que um musical texto em *off* acompanha quase em permanência cativantes imagens documentais de Paris, em que a monumentalidade da cidade contrasta com o tom mais crítico desse comentário e com a música tradicional africana que percorre todo o filme. Entre os trauseintes pelas ruas e parques parisienses, vemos muitos dos habitantes negros da cidade, como que numa procura da tal “afrique sur seine” que alude o título de um filme cuja africanidade passa ainda necessariamente pela banda sonora. Composta por elementos musicais pertencentes ao Musée de L’Homme, esta é fundamental para percebermos como nos encontramos face a uma etnografia em segundo grau, ou face a um inspirado exercício de etnografia invertida.

O realizador senegalês Ousmane Sembène (1923-2007), a cuja obra a Cinemateca (em colaboração com o Indielisboa) dedicou recentemente uma grande retrospectiva, é frequentemente considerado o primeiro grande cineasta da África negra subsariana. Os seus primeiros filmes correspondem cronologicamente aos primeiros filmes “verdadeiramente” africanos, ou seja, realizados em África por um realizador africano.

Eles são **Borom Sarret**, a primeira curta-metragem ficcional que Sembène realiza em 1963 (pouco antes realizou apenas um trabalho de caráter documental, que não teve distribuição comercial) e **La Noire de...** (1966), aquela que é considerada a primeira longa-metragem de ficção de origem africana.

Ousmane Sembène dirigiu **Borom Sarret** sete anos depois da publicação do seu primeiro romance, *Le Docker Noir* (1956), livro inspirado nos anos em que trabalhou como estivador no porto de Marselha. Já com uma obra literária significativa publicada (em francês), é no início dos anos sessenta que Sembène encara o cinema como a arte que lhe permitiria chegar a uma audiência mais vasta no contexto de um país recém-independente em que a maior parte da população era analfabeta. Foi assim que decidiu partir de Dakar para estudar cinema em Moscou, onde foi aluno de Marc Donskoi, contribuindo pouco depois para forjar as bases de um cinema genuinamente africano. Um cinema politicamente empenhado que aborda as grandes mudanças culturais, sociais e políticas experimentadas por tantas nações africanas no período que sucedeu à respectiva independência, refletindo sobre questões como a alienação cultural e as contradições de sociedades que se procuram afirmar face a uma herança colonial pesadíssima.

Alguns dos traços mais marcantes do cinema de Sembène estão bem presentes nos seus primeiros filmes, que abordam questões centrais para a África sua contemporânea de modo realista, partindo sempre de experiências individuais. Como escreveu Sada Niang, “O próprio Sembène já se definiu como um *griot* moderno que usa a literatura ou o cinema para comunicar com os seus compatriotas sobre questões relacionadas com as suas vidas quotidianas. Tipicamente os seus filmes expõem as experiências comuns das personagens analfabetas vivendo nas margens da sociedade senegalesa, constituindo no entanto a mairia da população.”

La Noire de..., a primeira longa-metragem de Sembène e o filme que lhe valeu o reconhecimento internacional, baseia-se num conto homónimo do autor. Retrata a chegada a solo francês de Diouana, uma jovem senegalesa contratada como *babysitter* por um casal francês que a leva para Côte d’Azur, onde vive aprisionada e perde todas as referências. Num primeiro nível, **La Noire de...** corresponde à história de muitos emigrantes, mas o seu contexto e complexidade transforma o filme numa metáfora de situação de vários países africanos após a independência, traduzida no percurso de Diouana que vê frustradas todas as suas expectativas quando ultrapassada a realidade idealizada e se confronta com a exploração. Anunciando o importante papel que o cineasta reservará às mulheres no seu cinema, Diouana afirma-se ainda como uma das primeiras grandes personagens consumidas por questões de ordem existencial, sublinhando como o Sembène enfatiza repetidamente a expressão de valores básicos africanos, através da centralidade assumida pela noção de pertença cultural e espiritual a uma comunidade, em oposição a uma total alienação.

À chegada, à apresentação das vistas sobre a Côte d’Azur, sucede-se a apresentação da casa e de um conjunto de tarefas domésticas que constituirão a prisão da protagonista. Só e desenraizada, Diouana definha num mundo que lhe é estranho, num papel de criada que

não imaginava o seu, e numa França que vê como “um buraco negro”, restando-lhe as memórias da terra natal. A denúncia do racismo e de um colonialismo opressor encontra alguns dos seus momentos mais emblemáticos no modo como patrões e convidados tratam Diouana, o que não deixa margem para mais dúvidas à protagonista.

La Noire de... revela ainda claramente como a originalidade da estética do cinema de Sembène assenta em grande parte em estruturas narrativas que tiram pleno partido da tradição oral africana. Mais complexo que **Borom Sarret**, pois assenta numa combinação de um idêntico monólogo interior com sequências mais dialogadas que são entrecortados por flashbacks, **La Noire de...** é também um filme em que a exploração da subjectividade da protagonista na sua longa jornada é acompanhada por uma filmagem extremamente objectiva dos espaços que atravessa (neste caso nos flashbacks em Dakar), carregando assim o peso histórico das divisões coloniais. Em **La Noire de...** há mesmo uma ponte pedonal que separa as duas cidades simbolizando a cisão entre os dois mundos.

Joana Ascensão